



Título: “Teologia no Século 21: Novos Contextos e Fronteiras”

Autoria: Fabrício Veliq e Felipe Magalhães Francisco

Editora Saber Criativo, 2021

A editora Saber Criativo (Brasil) lançou em fevereiro de 2021 o livro “Teologia no Século 21: Novos Contextos e Fronteiras” da autoria dos teólogos Fabrício Veliq e Felipe Magalhães Francisco. Atendendo ao facto de os autores procederem de diferentes tradições cristãs, o primeiro de origem protestante e o segundo católico, o livro propõe-se a novos desafios ao exercício da Teologia no séc. XXI. As grandes mudanças a que temos assistido ultimamente na

sociedade moderna onde, por um lado se assistiu através dos efeitos da globalização à relativização do sagrado, diluindo assim muitas das metanarrativas religiosas e, por outro lado, em plena crise pandémica, se tem vindo a observar o ressurgir dos populismos religiosos e fundamentalismos, requerem novos desafios e paradigmas de fazer teologia, algo a que os autores desafiam o leitor ao longo deste excelente livro.

Dividido em três partes, o primeiro capítulo “O Pós-Cristianismo e um Cristianismo Híbrido”, expõe uma realidade há muito conhecida: as sociedades modernas deixaram de ser dominadas pela cosmovisão cristã. Desde o Iluminismo, e na maioria dos estados democráticos, que se tem vindo a verificar no campo político uma clara separação entre o estado e a religião, assegurando-se igualmente o direito à liberdade religiosa, a qual remete o seu livre exercício para as igrejas e espaço privado da vida dos cidadãos. Da mesma maneira, no campo da ciência e do conhecimento, existe hoje uma clara clivagem com certas categorias e cosmovisões religiosas. Ao homem moderno, face ao incremento e divulgação do conhecimento produzido pelos métodos científicos, já pouco ou nada significam as leituras rígidas e literalistas dos textos sagrados. Também no campo religioso, a teologia cristã começa-se a abrir ao diálogo inter-religioso neste mundo pós-cristão e principalmente comprometida com esse processo de escuta de outras religiões. Como, os próprios autores enfatizam, e muito bem, mesmo com todas as inovações científicas e explicações racionais do mundo, o homem não encontra ainda muitas respostas aos anseios profundos da sua alma, algo que se verifica com o crescimento e busca por espiritualidades mais desenvolvidas em todas as camadas da sociedade.

Uma das respostas dadas á sociedade pós-cristã foi o neopentecostalismo. Após uma breve descrição da génese e desenvolvimento do movimento pentecostal desde os inícios do séc. XX, os autores apontam o início do movimento neopentecostal a partir da década de 1970. Se por um lado,

as igrejas pentecostais que surgiram nas duas primeiras ondas do movimento se focam mais numa hermenêutica literal do texto bíblico, já nas igrejas que surgem na terceira onda do pentecostalismo, as chamadas igrejas neopentecostais, o foco recai nas chamadas teologias da prosperidade, também elas de cariz sincrético e místico. Também a promiscuidade entre o movimento neopentecostal e a política é bem patente na América Latina, conforme indicado no texto. O uso dos textos bíblicos de uma maneira descontextualizada, é muitas vezes usado pelos líderes religiosos a fim de levar as massas a acreditar que determinada nação só será transformada se, e só se, todos se converterem ao cristianismo e obedecerem aos mandamentos bíblicos como regra de conduta, o que, de maneira geral, é um atentado ao estado laico e democrático. Uma correta compreensão do fenómeno do neopentecostalismo, torna-se assim imprescindível afim que as sociedades não caminhem para essa espécie de teocracia e que tantos danos podem causar. Também do lado católico, o pentecostalismo encontra raízes de forma livre e não institucionalizada através do movimento de Renovação Carismática Católica. A redescoberta e experiência da efusão do Espírito Santo resultou em maior participação por parte dos leigos, principalmente a partir do Concílio Vaticano II e através do Cardeal Suenens. Conforme indicado, uma outra característica do neopentecostalismo, é o uso do texto bíblico numa perspectiva fundamentalista e utilitarista com o fim de apoiar todo e qualquer tipo de discurso que vá de encontro às necessidades das suas lideranças. Todos estes processos de transformação, no dizer dos autores, e que foi acompanhado pelo cristianismo, tanto católico como protestante e que dá origem a novas posturas teológicas, é o que se denomina de cristianismo híbrido.

O termo de cristianismo-híbrido refere-se assim aquelas manifestações de cristianismo que mistura os discursos meritocráticos do capitalismo neoliberal com os discursos morais do puritanismo do séc. XVII, conforme ainda advogam as igrejas calvinistas e, mais recentemente, as neocalvinistas ao

proporem uma teologia da total soberania de Deus e a total depravação da natureza humana. Os autores sublinham que o próprio movimento neopentecostal aliado às bases teológicas do neocalvinismo, e ao entrar na área política, tem tentado alterar as leis no sentido de orientar a sociedade para uma agenda fundamentalista, tanto ética como economicamente. O que tem caracterizado muitas vezes estes fundamentalismos é o recurso a uma hermenêutica literalista que assume a revelação como sendo diretamente ditada por Deus e inerrante, colocando assim em contraste essa dicotomia entre os que são e os que não são verdadeiros cristãos. A questão da autoridade torna-se assim de importância vital para os movimentos fundamentalistas, principalmente numa sociedade global cada vez mais relativizada e fragmentada. Já o discurso meritocrático muito propagado pela teologia da prosperidade, e conforme apontam muito bem os autores, reveste-se de grande importância nestas sociedades liberais que tanto promovem individualismo e consumismo.

De facto, como é indicado no texto, a vivência e pertença comunitária nesses cristianismos híbridos é muitas vezes volátil e frágil. As chamadas igrejas históricas, tanto a católica como as comunidades evangélicas, carregam alguma responsabilidade pelo êxodo de muitos dos seus fiéis para estes cristianismos híbridos pelo simples facto de não conseguirem muitas vezes atualizar a mensagem da boa nova do Evangelho às nossas sociedades modernas. Os próprios jovens, são agora atraídos para igrejas que adotam um estilo de liturgia moderna socorrendo-se de músicas rock e jogos de luz, certamente mais apelativa do que nas igrejas tradicionais, mas que não insistem muito num real compromisso com a mensagem evangélica e numa moralidade com implicações éticas. Mas existem de facto, conforme referido, e muito bem pelos autores, muitas pessoas que não se revejam, nem nesse cristianismo de cariz fundamentalista, nem nesses cristianismos híbridos. Serão esses os que tentam encontrar comunidades cristãs mais acolhedoras, menos informais e voltadas para um cristianismo mais social e que muitas vezes constituem os chamados

grupos dos “desigrejados”. É verdade que estas novas formas de comunidades cristãs compostas por pessoas que saíram descontentes das suas igrejas históricas para experienciarem um cristianismo mais autêntico, muitas vezes acabam também elas próprias de se transformarem em igrejas de cristianismo híbrido que gerarão novas saídas, perpetuando o ciclo. Perante estes factos, e segundo proposta dos autores, torna-se urgente que a teologia dê resposta a estas novas realidades e seja capaz de acolher todas as pessoas que são enganadas e exploradas por este cristianismo híbrido que há muito as afastou daquele ideal de comunidade instituído por Jesus, onde todos se amam, “que visam o bem de toda a humanidade, sendo sal e luz num mundo cada vez mais insosso e em trevas.”

Na segunda parte do livro, “As urgências da Teologia para nossos tempos”, os autores relembram aquilo que já tinha sido dito desde início, de que o cristianismo já pouco ou nada influi na ética do homem moderno, pelo menos nessa que regula a moral sexual. Pretendendo que a teologia seja mais pública, mais acessível a todas as pessoas e que ainda faça sentido no cenário social, político, cultural e religioso em que estão inseridas, é tarefa da mesma interpretar, ou reinterpretar como alguns preferem, a fé cristã neste novo mundo secularizado, pós-cristão e plural. O papel da teologia, o seja, o discurso sobre Deus, nunca foi fácil. Ao longo de quase dois mil anos de história do cristianismo, a interpelação acerca da transcendência, das questões últimas, sempre foi de um processo dinâmico, embora a tentação de tentar cristalizar e dogmatizar o discurso teológico fosse sempre um recurso apetecível para muitos. A própria ciência, pelo menos a partir dessa viragem antropocêntrica já perceptível a partir do Renascimento e depois do Iluminismo, tem vindo a expor com os seus métodos histórico-críticos muito da dogmática que está subjacente a muitas hermenêuticas fundamentalistas que se socorrem da literalidade dos textos sagrados. É, pois, necessário, segundo os autores, que a teologia seja

capaz de tornar compreensível o discurso acerca do divino, que se deixe interpelar, até porque os dogmas, que sustentam a fé cristã, não podem ser encarados como verdades monolíticas: eles necessitam de ser interpretados. Num mundo cada vez mais sujeito a mudanças e onde muitos se encontram mergulhados em profunda crise existencial, sem fortes referências ético-religiosas e muitas vezes abandonados a imagens estagnadas e até deturpadas acerca de Deus, é imperativo esse discurso teológico reflexivo que faça possível essa mudança radical e transformadora do evangelho de Jesus na vida das pessoas.

Foca-se no livro uma questão deveras importante e que tem a ver com a redescoberta da Graça numa perspectiva de sacramentalidade. Sacramento, pelo menos de acordo com a doutrina católica e segundo a concepção agostiniana, é um sinal visível da graça invisível, instituído por Jesus para santificação da Igreja. Mas, no entender dos autores, existe sempre esse perigo de, em momentos de crise, cristalizar o sacramento da eucaristia em detrimento de outros, até porque a graça divina não está limitada aos símbolos sacramentais. Também no meio evangélico, particularmente no pentecostalismo e neopentecostalismo, essa cristalização da graça divina faz-se notar muitas vezes do tema do dízimo ou das ofertas. Há que esclarecer que, ao contrário do exposto pela teologia da prosperidade, ser praticante da oferta do dízimo não é uma condição *a priori* para se alcançar a graça divina que resulte em prosperidade em todas as áreas da vida do crente. É, pois, necessário resgatar essa compreensão bíblica correta, a qual suporta essencialmente uma conduta ética no sentido do cuidado do próximo, principalmente do excluído e do necessitado. Nesse sentido, nunca é tão pertinente como nos dias de hoje, compreender a proclamação do ano, ou do tempo da Graça do Senhor, pelo menos tal como Jesus a entendia. Atendendo à ação e ministério de Jesus enquanto aqui esteve na terra, também os autores do livro entendem que a mesma não deve ficar restrita apenas a esse período. Afinal, acerca da esperança

cristã, que muitos entendem como realizável num futuro longínquo, a vinda do Filho de Deus revela afinal que é possível torná-la realizável. A proclamação do ano da graça do Senhor deve ser igualmente o manifesto de todos os crentes que, em qualquer lugar do mundo, deverão realizar as obras do Reino, tal como Jesus o deseja. Torna-se, pois, imperativo que a teologia tenha um papel fundamental no sentido de contribuir para que as lideranças e fiéis “descristalizem a sua compreensão de como a graça de Deus atua no mundo e na história.”. Finalmente, o capítulo termina com essa necessidade de voltar a Jesus, cuja pedagogia jamais caduca. Séculos de dogmática, doutrinas, encíclicas têm vindo a expor uma realidade por vezes muito esquecida, de que é efetivamente urgente repor a centralidade de Jesus na vida da nossa fé e vivência diária. Os autores concluem que, tanto o papel da teologia que, interpretando a revelação divina nos tempos modernos, deve estar atenta aos sinais dos tempos, como a redescoberta da palavra de Deus, não numa perspectiva estática, fundamentalista, mas dinâmica e viva, são fundamentais para aprender a pedagogia de Jesus, que tão necessária é para a ação cristã neste mundo contemporâneo.

Finalmente, no último capítulo, “O serviço público da Teologia, num mundo pós-cristão”, os autores interrogam-se de como a teologia pode, num mundo pós-cristão, transmitir algo que faça sentido para as pessoas desta era moderna. O caminho escolhido vai no sentido de se trabalhar a partir de uma teologia hermenêutica, isto é, pressupondo toda a historicidade toda a tradição, tanto do texto como dos seus intérpretes, e que devem ser levadas em conta para o exercício da teologia nos tempos atuais. Os autores ressaltam, e muito bem, que todo este processo não deverá colocar em causa princípios caros à fé cristã, mas tão-somente a ver com essa preocupação legítima de que o querigma cristão seja essencialmente uma boa nova para todos quantos a ouvem e compreendem. Para isso, é necessária uma atualização da linguagem teológica

para este século XXI, especialmente essa que se coloque em sintonia com as realidades sociais do nosso tempo e que, cujos termos e conceitos, se façam compreendidos para a sociedade de hoje. No entender dos autores, somente uma teologia que se disponha a romper os limites institucionais e acadêmicos pode alcançar todos os que por ela se interessam. Um outro a considerar, é a importância da parrésia, essa confiança e ousadia de anunciar o evangelho, o reino de Deus indo até às fronteiras. Para isso será necessário o abandono de certa linguagem de cariz moralista e exercitar o dom de escuta, até porque o dom da graça é para todos. Novos desafios se colocam agora, desde a desconstrução de culturas patriarcais, passando com pela defesa dos mais fragilizados, marginalizados, ostracizados e rejeitados pela sociedade, inclusive aqueles que, por certa ética religiosa, se vêm negados à comunhão por determinada orientação sexual.

Por último, a proposta que é feita pelos autores a um acolhimento técnico-virtual. As novas tecnologias têm mudado, e em muito, a realidade dos relacionamentos humanos em todas as suas vertentes nestes tempos modernos. Verifica-se um acesso desigual à internet entre aqueles que são privilegiados e que vivem nos países mais desenvolvidos e os que ainda se encontram excluídos no acesso às novas tecnologias, principalmente aqueles que se encontram na sua maioria no hemisfério sul do planeta. Mas a teologia necessita igualmente de saber dialogar com estas novas tecnologias, adequando também ela própria a sua linguagem. Conforme apontam os autores, no meio protestante, já muitas das celebrações presenciais vão se adaptando e deslocando para os novos formatos digitais. No caso das comunidades católicas, onde os sacramentos se revestem de maior importância, são agora colocados novos desafios no sentido de se poderem repensar a sua própria teologia sacramental.

O cristianismo, pelo menos em algumas das suas formas de expressão, está em crise. O secularismo que tem vindo a excluir cada vez mais Deus da

esfera pública e o relativismo a que estas sociedades hipermodernas nos têm vindo a expor, têm exposto uma pluralidade de crenças e cosmovisões.

Esta obra de Fabrício Veliq e Felipe Magalhães Francisco, surge, pois, em boa hora no sentido de interpelar e colocar novos desafios à teologia, principalmente no seu diálogo com a sociedade e com os homens e mulheres do nosso tempo. Nesta época de crise, também ela existencial, necessário será que o discurso teológico se revista de novas categorias e de uma nova linguagem que ajude a repensar a fé, sendo ela mesma portadora de esperança das boas novas do Evangelho e do reino de Deus.